

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

Darci da Silva - Karáí Nhe'ery

**NHEMONGARAI:  
RITUAIS DE BATISMO MBYA GUARANI**

Florianópolis  
2020

Darci da Silva - Karaí Nhe'ery

**NHEMONGARAI:  
RITUAIS DE BATISMO MBYA GUARANI**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Terminalidade Artes e Linguagens.

Orientadora: Prof. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea

Coorientadora: Bárbara Elice da Silva de Jesus

Florianópolis  
2020

Darci da Silva - Karaí Nhe'ery

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado no Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Artes e Linguagens.

Local, 11 de Fevereiro de 2020.

---

Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Evelyn Martina Schuler Zea  
Orientadora  
UFSC

---

Profa. Dra. Maria Dorothea Post Darella  
Avaliadora  
UFSC

---

Profa. Dra. Ana Maria Ramo y Affonso  
Avaliadora  
UFSC



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 11 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 13 horas, na Sala 322 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Evelyn Martina Schuler Zea, Orientadora e Presidente, Professora Maria Dorothea Post Darella, membro da Banca, e Professora Ana Maria Ramo y Affonso, membro da Banca, designados pela Portaria nº 09/2020/HST do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Darci da Silva, intitulado: "NHEMONGARAI: RITUAIS DE BATISMO MBYA GUARANI". Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Evelyn Martina Schuler Zea, a nota final 10, da Professora Maria Dorothea Post Darella, a nota final 10, e da Professora Ana Maria Ramo y Affonso, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Esteve presente durante a Sessão de Defesa também Barbara Elice da Silve de Jesus, co-orientadora do TCC. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 11 de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Evelyn Martina Schuler Zea

Prof. Maria Dorothea Post Darella

Prof. Ana Maria Ramo y Affonso

Candidato Darci da Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico Darci da Silva, matrícula n.º16105921, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Nhemongarai: Rituais de Batismo Mbya Guarani, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Assinatura manuscrita em azul, provavelmente do orientador(a).

---

Orientador(a)

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

da Silva, Darci  
Nhemongarai : Rituais de Batismo Mbya Guarani / Darci  
da Silva ; orientadora, Evelyn Schuler Zea, coorientadora,  
Bárbara da Silva de Jesus, 2020.  
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural  
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata  
Atlântica. 2. Nhemongarai. 3. Tery. 4. Nhandereko. 5. Mbya.  
I. Schuler Zea, Evelyn. II. da Silva de Jesus, Bárbara.  
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura  
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. IV. Título.

Dedico este trabalho à minha querida esposa Josiane da Silva Mimbi e meus dois lindos filhos, Lúcio da Silva Mimbi e Allyson Mimbi da Silva.

Este trabalho também é dedicado à minha querida irmã Marina Jaxuka da Silva e aos meus familiares Rosenilda da Silva, Tereza da Silva e Balbina da Silva.

## SUMARIO

Lista de Figuras.....	9
Lista de abreviaturas e siglas .....	10
Resumo.....	11
Kuaxia para regua .....	11
Apresentação .....	12
Palavras prévias: breve tradução comentada .....	15
<i>Petyngua</i> .....	20
<i>Tata rendy</i> e a preparação para o ritual do <i>Nhemongarai</i> .....	22
O Ritual do <i>Nhemongarai</i> .....	26
Os rituais ligados ao <i>Nhemongarai</i> .....	29
<i>Yy karai</i> .....	29
<i>Avaxi'i</i> .....	31
<i>Ka'a'i nhemongarai</i> .....	34
<i>Nhemongarai</i> revelando <i>Tery</i> .....	38
Os pontos cardeais e a relação com <i>Nhanderu retã</i> .....	38
O <i>Teryapy</i> e seus sentidos.....	41
Conclusão.....	43
Agradecimentos.....	45
<i>Aguyjevete</i> .....	47
Referências citadas .....	48
Referências orais .....	48
Referências de textos escritos.....	48
Anexos .....	49
Anexo 1: .....	49
Link para apresentação do TCC no dia 11/02/2020 na UFSC .....	49
Anexo 2: .....	49
Foto da participação no <i>Yy karai</i> no dia 25/02/2020 na aldeia Piraí.....	49
Anexo 3: .....	50
Foto da apresentação do TCC no dia 26/02/2020 na aldeia Piraí .....	50

## Lista de Figuras

Figura 1 – Petyngua (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	20
Figura 2 – Xamoi (Foto: Tainara Verissimo Ara Poty, Aldeia Pirai, SC, 2018)	20
Figura 3 - Tata rendyrã (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	22
Figura 4 - Amba'i (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	23
Figura 5 - Tata rendy (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	24
Figura 6 - Tata rendy (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	25
Figura 7 - Opy'i (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	26
Figura 8 - Opy'i (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	27
Figura 9 - Yy a'e yary pire (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)	29
Figura 10 - Tata rendy'i rendy (Foto: Tais Rojas Urquizar, Aldeia Pirai, SC, 2018)	30
Figura 11 - Avaxi'i (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Yvyju, SC, 2019)	31
Figura 12 – Kunhataĩ (Foto: Geni Vidal Para Yry, Aldeia Itakupe, SP, 2019)	32
Figura 13 - Angu'a (Foto: Geni Vidal Para Yry, Aldeia Itakupe, SP, 2019)	33
Figura 14 - Ka'axa'ĩ (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	34
Figura 15a e 15b - Ka'a'i (Fotos: Barbara Elice da Silva Jesus, Aldeia Pirai, SC, 2016)	35
Figura 16 - Xondaro kuery (Foto: Barbara Elice da Silva de Jesus, Aldeia Pirai, SC, 2016)	35
Figura 17 - Xondaria kuery (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	36
Figura 18 - Ka'a omombiru (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	36
Figura 19a - Ka'a omongu'i e 19b – Ojoxo (Fotos: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	37
Figura 20a - Hy'a pekue e 20b – Ka'a ku'i (Fotos: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)	37
Figura 21 - Pontos cardeais (Mapa elaborado por Karai Nhe'ery, 2019)	39
Figura 22 - Karai Nhe'ery no yy karai, Aldeia Pirai, 25/02/2020 (Foto: Evelyn Schuler Zea)	49
Figura 23 - Apresentação do TCC, Aldeia Pirai, 26/02/2020, na presença dos xamoi Estevão Ocampo, Miguel Cordeiro Veríssimo, Hugo Nunes e xaryi Fatima Gabriel (Foto: Cristiano Gabriel Costa)	50

## **Lista de abreviaturas e siglas**

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## Resumo

Este trabalho é para falar sobre *Nhemongarai*, para eu citar a importância da nossa cultura guarani e também para mostrar para os não-indígenas a importância da cultura. Por isso escolhi esse tema de trabalho. Porque é um ritual que nós guarani ainda preservamos nas aldeias, por mais dificuldade que tenhamos de manter os rituais. Mas, mesmo assim, temos nos fortalecido cada vez mais através dos rituais. Por isso que resolvi trabalhar sobre o *Nhemongarai*, apesar de ser ritual que não pode ser traduzido da forma que a gente sente, mas, mesmo assim, tentei fazer através da escrita. Espero que, através deste trabalho, os *jurua kuery* futuros professores que trabalham nas aldeias possam ajudar a defender mais os direitos indígenas. E também para deixar um legado escrito sobre *Nhemongarai* para os futuros pesquisadores da Licenciatura Indígena.

**Palavras-chave:** *Nhemongarai*; *Tery*; *Nhandereko*.

## Kuaxia para regua

Kova'e mba'epo *Nhemongarai* regua re xe ayvua. Kova'e ambopara va'ekue gui jurua kuery ikuai nhande mboete ve'i aguã. A'e aguãe ma kova'e *Nhemongarai* régua. A'eteĩ kova'e ma nhande reko rã va'ekue ae ramo aỹ peve nhande mbya kuery jareko teri tekoa rupi, haxy parei ete ma ramo jepe. *Nhemongarai* jareko va'egui ae nhane mbarete teve javy. A'e ramo ae ma xee ajopy kova'e *Nhemongarai* regua. Aikuaa ma axyeterei ma jurua py nhamombe'u aguã nhandepy'a py reko, ramos jepe anhea'ã ajapo aguã kuaxia para. Kova'e kuaxia para ajapo va'ekue ma, jurua nhombo'e va'e pe oĩ porã kyingue pe omboayu uka aguã. A'e kova'e oĩ porã avi onhembo'e va'erã pe, Licenciatura Indígenas py.

**Palavras-chave:** *Nhemongarai*; *Tery*; *Nhandereko*.

## Apresentação

Meu nome é Karai Nhe'ery.

Nasci em 15 de agosto de 1973 na aldeia Tenonde Porã no distrito de Parelheiros em São Paulo. Com 3 anos me mudei com meus pais para a aldeia Palmeirinha do Iguacu, município de Mangueirinha, no Estado de Paraná. Aos 12 anos fui morar com meu avô na aldeia Guyraitapu no município de Patrimonio Mirim no Estado do Rio de Janeiro, onde morei por um ano, após o qual me mudei com meus avós para aldeia Krukutu no Município de São Bernardo do Campo, em São Paulo, perto da aldeia Tenonde Porã, onde nasci. Com 14 anos viajei com meu tio e voltei a morar na aldeia Palmeirinha com meus pais. Aos 16 anos retornei para aldeia Tenonde Porã, onde morei até 1999, quando me mudei para aldeia Piraquara na região metropolitana de Curitiba, onde morei até 2005. Do final de 2005 até 2014 fui morar na aldeia Tekoa Pyau, no Pico de Jaraguá, em São Paulo. No início de 2015 me mudei para aldeia Piraí, no Norte de Santa Catarina. Em 2018 morei um ano na aldeia Yvapuru, município de Araquari, e em dezembro de 2018 me mudei para aldeia Yvyju, em São Francisco do Sul, onde resido atualmente. Desde 2006 atuo como professor em escolas indígenas em São Paulo e Santa Catarina.

Recebi meu primeiro nome, Karai Tataendy, na aldeia Palmeirinha, quando era criança, do xamoi Aristide Gabriel Vera Tupã, que veio a falecer em julho de 1998. Na nossa cultura, quando falece a pessoa de quem você recebeu o nome, precisa mudar de nome. Por esse motivo mudei meu nome no *Nhemongarai* que aconteceu em 28 de janeiro de 2000 na aldeia Piraquara, que atualmente se chama aldeia Araçaí, no município de Piraquara, no Estado do Paraná.

Recebi meu segundo nome, Karai Nhe'ery, do meu tio, *xamoi* Marcolino da Silva Marangaju. O nome Karai utilizamos para nomear os sábios, conhecedores da cultura. Quando se fala o nome Karai, é uma pessoa que nasceu do Karai amba e o significado se complementa com o sobrenome. *Nhe'e* significa o espírito e *ry* define lugar ou espaço sagrado. Então, *Nhe'ery* significa lugar do espírito ou alma. *Nhe'e* tem duplo sentido: na língua mbya é “espírito” e na língua do guarani do Paraguai significa “palavra”.

Meu nome é Karai Nhe'ery, mas mesmo que eu tenha esse nome sagrado, eu não consigo repassar *ayvu porã* para os mais jovens. Meu dom é repassar da língua guarani para a

portuguesa, não na forma exata do nosso sentimento, porque é *ayvu porã*. Por isso escolhi o tema do *Nhemongarai*, para colocar as palavras guarani neste texto, para escrever sobre o ritual, sobre a importância das palavras sagradas.

Neste trabalho apresento a pesquisa que realizei a respeito do nosso ritual de *Nhemongarai*.

## Introdução

Pesquisar sobre o *Nhemongarai* é desafiador porque é um dos rituais mais sagrados do povo Guarani. Poucas pesquisas da academia foram realizadas especificamente sobre esse tema. Esta pesquisa é um desafio, desenvolvê-la junto aos meus parentes e principalmente pelo comprometimento de trazer este tema para a escrita do trabalho final da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, sempre considerando o que a minha comunidade acredita ser importante escrever. E em nome da minha comunidade, é que apresenta o meu trabalho de pesquisa.

Minhas referências principais foram os *xamoi kuery* e *xaryi kuery*, que são os próprios conhecedores da cultura guarani e que praticam o ritual. Busquei conhecimento através dessas pessoas. Portanto, não escolhi os livros de *jurua kuery* para pesquisar, porque temos nossos próprios livros vivos, que são os *xamoi kuery* e as *xaryi kuery*.

O *Nhemongarai* está em todo cerimonial cultural que nós temos na nossa religião tradicional. Por isso eu escolhi esse tema para minha pesquisa, o *Nhemongarai*, porque este é um ritual específico da nossa cultura guarani.

Escrevi partes deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em guarani porque este trabalho é dedicado à comunidade. Mas já que estou em curso de Licenciatura Intercultural Indígena, escrevi outras partes em português, para que os outros povos, como kaingang e xokleng possam ler. Alguns trechos estão em guarani e sem tradução para outras línguas para atender ao pedido dos interlocutores da minha pesquisa de não revelar todas as palavras.

Especificamente, meu trabalho é para os alunos indígenas guarani e também outros povos. Os trechos sem tradução são mensagens dedicadas somente aos Guarani, para deixar sentimento aos mais jovens. Para os não-indígenas entenderem um pouco da cultura guarani, em seguida apresento algumas palavras previas em guarani com uma breve tradução comentada.

## Palavras prévias: breve tradução comentada

<i>Aguyjevete</i>	palavra sagrada utilizada na <i>opy'i</i> como forma de agradecer a <i>Nhanderu</i>
<i>Amba'i</i>	altar feito de madeira de cedro para ser utilizado no ritual para colocar <i>yy karái</i> , água sagrada
<i>Angu'a</i>	pilão
<i>Ara mbyte</i>	meio-dia ( <i>ara</i> : dia, <i>mbyte</i> : meio, centro)
<i>Ara pyau</i>	tempo novo ( <i>ara</i> : dia, tempo, <i>pyau</i> : novo)
<i>Ara yma</i>	tempo velho ( <i>ara</i> : dia, tempo, <i>yma</i> : velho)
<i>Avakue</i>	homens
<i>Avaxi'i</i>	milho guarani sagrado que é utilizado no <i>nhemongarai</i> (no ritual de batismo de milho)
<i>Ayvu ete</i>	fala verdadeira, que vem do <i>nhe'e</i>
<i>Ayvu porã</i>	fala sagrada ( <i>ayvu</i> : fala, <i>porã</i> : lindo, belo)
<i>Ei'i</i>	mel
<i>Ha'evete</i>	agradecimento informal, como obrigado (a), pela bondade da pessoa
<i>Hy'a</i>	pratinhos feitos do porongo
<i>Hy'akua'i</i>	recipiente feito de porongo para guardar mel

<i>Hy'a pekue</i>	pratinho feito de porongo
<i>Jurua</i>	não-indígena, branco
<i>Jurua kuery</i>	forma plural e coletiva de <i>jurua</i> , os não-indígenas, os brancos
<i>Ka'a'i</i>	erva-mate sagrada
<i>Ka'a ku'i</i>	pó de erva-mate
<i>Ka'a'i nhemongarai</i>	batismo da erva-mate
<i>Ka'a omombiru</i>	sapecando erva-mate
<i>Ka'a omongu'i</i>	triturando erva-mate
<i>Ka'a omoxã</i>	fazendo feixe de erva-mate
<i>Ka'arua</i>	onde o sol se põe
<i>Ka'axã'i</i>	pequeno feixe de erva-mate utilizado no ritual de batismo, que representa o <i>nhe'e</i>
<i>Kaguijy</i>	bebida feita de milho que acompanha a cerimônia do batismo de milho
<i>Kunhangue</i>	mulheres
<i>Kunhataĩ</i>	jovem moça
<i>Kunhataingue'i</i>	jovens moças
<i>Mbaraka</i>	violão com afinação guarani (o violão guarani tem cinco cordas, porque cada corda tem seu significado)

<i>Mbarakamirim</i>	chocalho, instrumento musical tradicional tocado apenas pelos homens
<i>Mbojape'i</i>	alimento sagrado feito de milho que acompanha a cerimônia do batismo de milho
<i>Mbyta</i>	pamonha, alimento feito de milho que também acompanha a cerimônia do batismo do milho
<i>Mitã</i>	bebê, criança
<i>Nhamandu amba</i>	altar do deus do sol, que fica na direção leste, onde nasce o sol
<i>Nhande kupe</i>	oeste, onde o sol se põe (nhande: nosso, kupe: costas)
<i>Nhanderu</i>	nosso Pai Supremo, Deus Criador
<i>Nhanderuede</i>	Deus verdadeiro
<i>Nhande reko</i>	nosso modo de ser
<i>Nhanderu papa tenonde</i>	Deus criador do mundo
<i>Nhandexyete</i>	Mãe verdadeira, divina
<i>Nhe'e</i>	espírito, alma
<i>Nhemongarai</i>	batismo do <i>nhe'e</i> , espírito, para receber o nome
<i>Ojoxo</i>	macerar no pilão
<i>Opy'i</i>	casa de reza, onde são praticados rituais como dança, canto e também é um espaço para trabalho de cura

<i>Petyngua</i>	cachimbo sagrado que traz a conexão para as falas sagradas, é utilizado nas cerimônias e também é utilizado para curar as pessoas
<i>Ravé</i>	violino com afinação guarani (o violino guarani tem três cordas e cada corda tem seu significado específico)
<i>Re</i>	direcionamento de espaço
<i>Takuapu</i>	instrumento musical tradicional feito de bambu que é tocado apenas pelas mulheres e que acompanha o som do violão tocado pelos homens
<i>Tata rendy</i>	vela feita de cera de abelha ( <i>tata</i> : fogo, <i>rendy</i> : aceso)
<i>Tata rendy'i rendy</i>	velas acesas
<i>Tata rendyrã</i>	preparando as velas
<i>Tekoa</i>	aldeia ( <i>teko</i> : vida; <i>a</i> : semente, fruto): o lugar onde semeia a vida, lugar onde a vida nasce
<i>Tery</i>	nome indígena
<i>Teryapy</i>	sobrenome indígena
<i>Teryete</i>	nome verdadeiro
<i>Tupã amba</i>	altar do Deus do trovão, localizado no oeste
<i>Yary</i>	pé de Cedro, remédio sagrado tradicional
<i>Yy a'e yary pire</i>	água e casca de cedro ( <i>yy</i> : água, <i>a'e</i> : e, <i>yary</i> : cedro, <i>pire</i> : casca)

<i>Xamoi</i>	forma geral para falar de ancião, sábio, conhecedor da cultura ( <i>xeramoi</i> : meu avô)
<i>Xaryi</i>	forma geral para falar de anciã, sábia, conhecedora da cultura ( <i>xexaryi</i> : minha avó)
<i>Xaryi kuery</i>	forma plural e coletiva de <i>xaryi</i> , anciãs, sábias, conhecedoras da cultura
<i>Xerovia</i>	fê (palavra com duplo sentido, como substantivo: fé, como adjetivo: briguento, valente)
<i>Xondaro</i>	guardião, guerreiro
<i>Xondaro kuery</i>	forma plural e coletiva de <i>xondaro</i> , os guardiões, os guerreiros
<i>xondaria</i>	guardiã, guerreira
<i>xondaria kuery</i>	forma plural e coletiva de <i>xondaria</i> , as guardiãs, as guerreiras
<i>Xoraro`i</i>	mesa pequena
<i>Yy karai</i>	água sagrada, água transformada em remédio (misturada com casca de cedro)
<i>Yy nhemongarai</i>	cerimônia de batismo
<i>Yva</i>	céu, lugar distante aqui da terra, mundo onde vivem as Divindades e onde nosso espírito vai viver quando nosso corpo morre aqui na terra

## *Petyngua*



Figura 1 – Petyngua (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)

O uso do *petyngua* é essencial para praticar cada cerimônia guarani. Os mais velhos sempre utilizam para fazer cura e para abençoar. Os *xondaro kuery* e *xondaria kuery* fumam *petyngua*, porque através da fumaça que é solta pelo cachimbo, tira a energia negativa para purificar o espírito dos guerreiros e das guerreiras. O cachimbo é sempre utilizado nos rituais dentro da *opy'i*. *Petyngua* é sagrado, traz harmonia e conhecimento. Busca-se o fortalecimento espiritual através da fumaça do cachimbo.



Figura 2 – Xamoi (Foto: Tainara Verissimo Ara Poty, Aldeia Pirai, SC, 2018)

Para nós Guarani, *petyngua* é uma das prioridades para fazer reza. Antes de cantar, antes de falar as palavras sagradas. Se usa o cachimbo em tudo que envolve praticar um ritual, para se sentir fortalecido e ter conexão com o conhecimento das falas sagradas dentro da casa de reza. Sem o *petyngua* não se consegue cantar, falar e dançar.

Para o uso do *petyngua*, não há divisão de gênero, mulheres e homens podem usar antes de rezar, cantar e dançar. Somente o *petyngua* do *xamoi* que não deve ser utilizado por qualquer pessoa, exceto quando as mulheres mais velhas ou mais novas pegam para queimar o *petyngua* e entregar ao *xamoi*. Isso deve ser feito com respeito, porque é através desse cachimbo que se conecta com *Nhanderu*.

*Petyngua ma nhanderu oikuaa huka raka'e nhandevy pe nhambo jerovia'i aguã. Kova'e petyngua rupi ae ma nhande mbya kuery nharõ porandu va'erã Nhanderu pe nhane mombaraete'i aguã a'e nhane mbopy'a guaxu aguã.*

*A'e ramo ae ma nda'evei kova'e petyngua gui nhande rexarai aguã. Kova'e gui ae ma nhande mbya kuery jaikuaa va'erã nhande reko rã.*

*Ayngui ma kunumingue a'e kunhataingue hexaraipa ta ma petyngua oiporu aguã. anike nhande rexarai nhane petyngua gui mbya'i kuery nhandekuai va'e.*

## ***Tata rendy e a preparação para o ritual do Nhemongarai***

Na cerimônia de *Nhemongarai*, nós utilizamos as velas *tata rendy* em nome de todos os familiares.

Desde antes da chegada dos *jurua kuery* nossos ancestrais já praticavam esses rituais *tata rendy*. Essa cerimônia faz parte de nossa cultura e prática religiosa, sendo muito importante na cultura guarani. É uma cerimônia específica para receber o nome indígena, principalmente as crianças, a partir de um ano de idade, sendo uma primeira cerimônia da vida guarani.

Depois da chegada dos *jurua kuery*, para preservar a nossa cultura, não era permitida a participação dos não-indígenas nessa prática religiosa. Mas atualmente, algumas práticas são compartilhadas, como o ritual da vela, sendo que alguns rituais de cura ainda são preservados. Assim o não-indígena vai ter uma noção do que é a cultura guarani, mesmo que não compreenda completamente. Esse compartilhamento ocorre para os não-indígenas conhecerem e valorizarem a cultura guarani.



*Figura 3 - Tata rendyrã (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)*

As velas são feitas de cera de colmeia. Primeiramente, a colmeia é aquecida ao fogo. Depois pegamos a linha de algodão para cobrir com a cera de colmeia. Cada pessoa pode fazer as velas em nomes dos seus familiares. Dessa forma a vela é preparada para os rituais *Nhemongarai*.



Figura 4 - *Amba'i* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)

Cada vela representa um espírito vivo da nossa família. Os homens preparam as velas para os filhos, os irmãos e para seus pais. Os homens não podem fazer velas para suas mães e para suas irmãs e filhas, porque a confecção das velas é dividida e as mulheres fazem separadamente. Mas das danças, dos cantos e das rezas todos participam. Assim que nós nos fortalecemos uns aos outros.

Essas práticas rituais temos que fortalecer cada vez mais para não deixar que sejam esquecidos no futuro. É por isso que *xamoĩ kuery* querem que os jovens participem na casa de reza. A cultura guarani dá ensinamento sobre *nhande reko* através de reza dos *xamoĩ kuery*. Dessa forma que o guarani mantém a cultura e a língua materna nas aldeias.

Esse ritual é o mais importante para o povo guarani, nele que estão todas as essências de sabedorias culturais e os princípios das histórias dos nossos ancestrais. Por isso que os mais velhos sempre convidam os mais jovens para esses rituais para que desse modo não deixem de praticar e continuem repassando para as futuras gerações.



Figura 5 - Tata rendy (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)

As mulheres fazem as velas para suas filhas, irmãs e mães. Elas não podem fazer as velas para irmãos, filhos e para seus pais. Elas se reúnem e fazem as velas para suas filhas menores que não sabem ainda fazer, e para as que estão fora da aldeia. As filhas que estão na aldeia e que já sabem confeccionar as velas podem fazer para si mesmas.

Mães e pais fazem as velas para suas filhas e filhos, respectivamente, que ainda não tenham recebido o nome, e as entregam para os *xamoĩ*. Essa cerimônia de iniciação acontece no período do meio dia, para que as crianças possam cantar e dançar e para deixar as velas guardadas dentro da casa de reza. As *xondaria* tocam *takuapu* e os *xondaro* tocam *mbarakamirim* enquanto o rezador está cantando.

Esse ritual vem acontecendo dessa forma desde o início do mundo, pois essa sabedoria foi deixada por *Nhanderu* para que seja seguida. Por isso que *xaryi kuery* e *xamoĩ kuery* dão os ensinamentos sobre o *Nhemongarai*. Assim que não se perdem esses rituais, pois os conhecimentos são passados de geração em geração, apesar de todo o contato com os *jurua kuery*. Antigamente nos rituais só se praticava com os instrumentos musicais *mbarakamirim* e *takuapu*. Atualmente usamos nos nossos rituais também instrumentos como o *mbaraka* e *ravé*.



Figura 6 - Tata rendy (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)

Através das velas acesas, o *xamoi* reza para nós nos fortalecermos espiritualmente e para que nossos filhos e nossos pais que moram longe também recebam forças espirituais por meio das *tata rendy*, porque nelas estão representados os nomes. Também através das *tata rendy* o *xamoi* busca a revelação dos nomes das crianças.

Quando a chama da *tata rendy* é pequena ou vai queimando devagar é porque o espírito está enfraquecido. Quando a chama vai terminando normalmente, é porque o espírito está bem.

Também através do *tata rendy*, o *xamoi* busca a conexão com outros espíritos. Dessa forma que nós guarani buscamos saber como estão nossos parentes que estão longe. Então *tata rendy* é como um aviso, uma notícia. Por isso, essa prática de rituais é sagrada na cultura guarani. É também com essa conexão que a gente se fortalece cada vez mais. Não é um fortalecimento individual, mas coletivo.

Por esse motivo nós precisamos deixar cada vez mais fortalecida a confecção das velas, pois é essencial para nossa cultura. Através dela nós mantemos nossa origem, principalmente nosso nome, que é o principal da nossa identidade. Através dessa cerimônia sempre nos renovamos espiritualmente, a cada *ara pyau*.

## O Ritual do *Nhemongarai*

No dia de *Nhemongarai* todas as comunidades, com suas famílias, participam da cerimônia na *opy'i* para escutar *ayvu porã* dos *xamoi kuery* e *xaryi kuery*. E também, através do batismo, aquele que receberá o nome deve participar ativamente de toda a cerimônia. Há todo um ritual a seguir nesta cerimônia: primeiro são os homens a serem batizados, do mais velho até o mais moço, como uma criança de sete anos, por exemplo. Em seguida, as mulheres são batizadas.



Figura 7 - *Opy'i* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)

É na *opy'i* que acontecem os rituais. Durante o dia todas as comunidades se preparam para participar da cerimônia. E à noite todas as comunidades entram na casa de reza para dançar, cantar e rezar, utilizando o *petyngua*.

Porque é através do *petyngua* que o *xamoi* busca a conexão com *Nhanderu* para obter *ayvu porã* e também para abençoar todas as pessoas que estão no ritual. É com o *petyngua* que se fazem os agradecimentos do dia a dia e também para que seja abençoado o *Nhemongarai*, agradecendo todos os espíritos das crianças e dos adultos, que fortalecem o *xamoi*.

A fumaça do cachimbo leva o pensamento das pessoas para *yva*. Quando se fuma o cachimbo tem que ter *xerovia* no que se deseja. Precisa enviar a fumaça do cachimbo para o céu e *Nhanderu*, através disso, terá acesso ao pensamento e assim se alcança a realização desses desejos. É através do *petyngua* que se busca o conhecimento sobre a cosmologia mbya. Dessa forma que rituais são praticados nas aldeias. Esses rituais e toda a cultura guarani estão

ligados a *nhande reko* que nós guarani vivemos na *tekoa*. Todos esses conhecimentos nós adquirimos com *xamoi kuery* e com *xaryi kuery*, através dos ensinamentos na *opy'i*.

Para agradecer a *nhanderu*, os sábios podem utilizar a palavra *aguyjevete* dentro da *opy'i*. Eu não posso falar *aguyjevete* fora da *opy'i*. Pode falar *aguyjevete* para os *xamoi kuery* e *xaryi kuery* e quando você busca algum conhecimento dentro da *opy'i*. Você pede a *Nhanderu* o fortalecimento da vida, a proteção à nossa família e então agradece com *aguyjevete*.

A palavra que mais utilizamos é *ha'evete*, que significa obrigado. Se usa quando você agradece a um amigo pela bondade. Não se pode dizer *ha'evete* para *Nhanderu*, tem que dizer *aguyjevete*.



Figura 8 - *Opy'i* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2018)

*Nhanderu yvy onhono ma vy a'e nhane mbojera'i ma vy oeja'i raka'e opy'i nhande mbya kue'iry pe. Opy'i ma nhande mbya kuery jareko nhande rekoa rupi jajerojy'i aguã japorai'i aguã a'e nharõ porandu'i aguã nhande rete'i Nhanderuete pe. Opy'i gui ae ma nhande kuery nhane rexãĩ mbaraete'i a'e nhande py'a guaxu. Kova'e gui ae ma nhane ramoĩ'i kuery a'e nhande jaryi kue'iry imbarate'i okuapy (CORDEIRO VERISSIMO, Miguel<sup>1</sup>).*

1 Depoimento cedido durante o *Nhemongarai* de 2018, na Aldeia Pirai.

No depoimento, o *xamoi* Miguel afirma que *Nhanderu* quando criou a terra e os seres humanos, deixou a casa de reza para nós guarani. Nós guarani temos casa de reza na nossa aldeia para dançarmos, cantarmos e para fazer devoção a *Nhanderueté*. Através da casa de reza, nós nos sentimos bem e nos fortalecemos. Assim os nossos anciãos e anciãs se fortalecem.

Dessa forma nós passamos nosso conhecimento, através do nosso ensinamento na *opy'i*. *Opy'i* é o espaço sagrado onde nós praticamos diversos rituais.

Antigamente o *Nhemongarai* era muito preservado, por isso que os não-indígenas não participavam das cerimônias e também não os deixavam entrar na casa de reza, porque o nosso costume não podia ser mostrado para os não-indígenas. Hoje em dia, a maioria das aldeias permite a participação nas cerimônias, mas mesmo assim algumas partes específicas da cultura não podem ser registradas. Porque esta cerimônia faz parte da religião que o Deus criador do mundo deixou como costume para nós seguir e nos fortalecer fisicamente e espiritualmente (FERNANDES, José Karai Poty<sup>2</sup>).

Atualmente, a presença de não-indígenas foi aceita por dois motivos: porque há amigos e porque também eles possibilitam algum recurso que contribui com a realização dos rituais. Não é exatamente porque nós guarani gostaríamos de mostrar as práticas, mas por necessidade é que os *jurua kuery* são aceitos. Para batizar, hoje em dia, depende de ajuda para custos com alimentação, por exemplo. Retribuímos, em nossa gratidão, com o batismo e recebimento de um nome guarani para os não-indígenas que colaboram. Mesmo assim, os *jurua kuery* não podem ver alguns rituais específicos como, por exemplo, a prática da cura. Isso não pode ser registrado porque tira a concentração dos *xamoi kuery*.

---

2 Depoimento cedido durante o *Nhemongarai* em 20 de janeiro de 2017, na Tekoa Pyau, Aldeia Jaraguá, em São Paulo.

## Os rituais ligados ao *Nhemongarai*

Existem vários rituais *Nhemongarai*. Tem o *ka'a nhemongarai*, *avaxi'i nhemongarai*, e *yy nhemongarai*. Todos esses rituais estão ligados ao *Nhemongarai*.

### *Yy karai*



Figura 9 - *Yy a'e yary pire* (Foto: *Karai Nhe'ery*, Aldeia Pirai, SC, 2018)

O *yy karai* é o ritual específico para batizar, receber o nome e para limpar o corpo. Por isso, o *yy karai* é preparado através de água e casca de cedro. O *yy karai* segue sendo praticado e é forte na atualidade. Essa cerimônia acontece nas aldeias do Sul e Sudeste. Hoje em dia está muito difícil porque é necessário deslocar os pajés entre as aldeias. Antigamente, se faziam as caminhadas, as famílias visitavam a pé as aldeias. E hoje nós temos poucas aldeias que têm cedro nativo. Por causa dos *jurua kuery* que provocam o desmatamento, a destruição e as tomadas de terra. São poucas aldeias que têm *yary*, só as que têm muita mata. Nessas, podemos colher perto das casas. Mas, muitas vezes, temos que ir a outras aldeias buscar *yary* ou entrar em mata que não pertence mais à comunidade, pois foi ocupada pelos *jurua kuery*. Aí corremos esse perigo de entrar em alguma propriedade para colher o cedro.

O *yy karai* acontece no período de *ara pyau*, entre janeiro e fevereiro. Cada ano quando chega esse período acontece o *yy karai*, porque o ciclo do *ara pyau* já termina. Cada *ara pyau* o *Nhanderu* se renova. No *ara yma*, *Nhanderu* envelhece, por isso que não é praticado nenhuma cerimônia de *nhemongarai* nesse período.

Essas duas práticas fazem parte de um conjunto do ritual do *Nhemongarai*, para a criança receber o nome. Primeiro é realizado o *tata rendy*, depois recebe a água sagrada para limpar e receber espírito novo. Através da água sagrada ocorre a renovação espiritual, por isso é realizado a cada ano.

Cedro é a árvore mais sagrada na nossa cultura. O Altar *Amba'i* que fica na casa de reza é sempre feito de pau de cedro. Na cerimônia de batismo *Yy karai* são mais utilizados a casca de cedro com água e folhas de cedro. As folhas de cedro são o remédio mais sagrado que serve para dar banho nas crianças e lavar a cabeça dos adultos. Por isso que na cultura guarani a árvore do cedro é bastante valorizada.



Figura 10 - *Tata rendy'i rendy* (Foto: Tais Rojas Urquizar, Aldeia Pirai, SC, 2018)

*Yary ma nhande kuery pe yvyra Porã.*

*Amba'i opy'i py oĩ va'erã yary gui ae ojapo.*

*Yy karai py ma nhande mbya kuery jaiporuve va'e yary pire. A'e yary rogue poã guaxu.*

## *Avaxi'i*



Figura 11 - Avaxi'i (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Yyju, SC, 2019)

No *avaxi'i nhemongarai* acontece a cerimônia do *mbojape'i*, que consagra o alimento. Através do *mbojape'i* que as crianças e adultos ficam bem de saúde, forte fisicamente e espiritualmente. O *avaxi'i nhemongarai* costumava ser feito todos os anos, porém, hoje em dia, não há mais espaço para plantar, pois a mata tem sido invadida pelos *jurua kuery*, cujo modo de vida também contribui para o empobrecimento do solo. Outro motivo é a falta de *xamoi kuery* nas aldeias. São eles quem poderiam praticar essa cerimônia.



Figura 12 – Kunhataĩ (Foto: Geni Vidal Para Yry, Aldeia Itakupe, SP, 2019)

O *avaxiete'i* ainda é plantado, pois não foi esquecido. Mas é plantado sem ritual, atualmente. Até hoje as crianças e os mais velhos gostam de comer milho assado, o *kaguijy*, *mbojape* e *mbyta*, que são alimentos tradicionais guarani, derivados do milho. *Kunhangue* que prepara os alimentos e ensinando as *kunhataingue'i* junto com as mães ou seja com mais velhas.

As mulheres não podem preparar os alimentos no período da menstruação porque isso afeta a saúde. Tudo isso *kunhataingue'i* aprendem desde meninas.

É por isso que nós não podemos deixar esquecidos esses rituais, que estão ligados a todos esses alimentos e ao *nhemongarai*.



Figura 13 - Angu'a (Foto: Geni Vidal Para Yry, Aldeia Itakupe, SP, 2019)

O *mbojape'i* e *mbyta* são preparados pelas mulheres. Assim era feito antigamente. As mães ensinavam as filhas. Enquanto isso, os homens iam cedo à mata para colher o mel *ei'i*. Cada *mbojape* representa o *nhe'e* – o próprio espírito, o da mãe, da irmã ou da tia. Dessa forma que se fazia o ritual do *avaxi nhemongarai*. Antigamente, o *mbojape* sempre era acompanhado pelo mel. O *ei'i* era colocado em um recipiente feito de porongo chamado *hy'akua'i*, que representava o *nhe'e* de cada homem – o próprio, o do pai, do irmão ou do filho. Nessa cerimônia as crianças também podem receber o nome, por isso que o *mbojape* e o *ei'i* representam cada espírito. O *mbojape* representa o feminino e o *ei'i* representa *avakue*.

No dia seguinte à cerimônia esse alimento é compartilhado. Consumir esse *mbojape* com mel fortalece o *nhe'e* do *xondaro* e da *xondaria*, para serem saudáveis. Porque o alimento sagrado, quando consumido, torna a pessoa feliz e fortalecida fisicamente e espiritualmente. Para isso que a cerimônia é feita, para as mulheres fazerem o alimento sagrado. Essa é uma forma de passar o conhecimento aos jovens porque, por meio dessa prática, se aprende com os pais e

com as mães. É através dessa cerimônia que os *xamoi kuery* vão passar os ensinamentos. Nessa cerimônia, os *mitã* ainda sem nome podem receber o *tery* pelo *Nhemongarai*.

### ***Ka'a'i nhemongarai***



Figura 14 - *Ka'axa'i* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)

*Ka'a'i nhemongarai* é uma cerimônia que, através dela, se recebe o nome das pessoas, o *tery ete*. Por isso, o *Nhemongarai* é muito valorizado na cultura Guarani. Através da cerimônia de *ka'a'i*, o nosso espírito se fortalece. Porque cada *ka'axã'i* amarrado representa o nosso *nhe'e*. Essa cerimônia dura duas noites. A primeira noite é cerimônia de *xondaro kuery* e a segunda noite é de *xondaria kuery*. Dessa forma que é praticado a cerimônia.

Através de *Ka'a'i Nhemongarai* é praticado a dança, o canto e a fala sagrada. Os *xamoi* dão aconselhamento para os jovens, para os casais e também mostra o caminho, de que forma a gente deve seguir para ser alguém na vida, para cuidar das crianças, dos filhos. É dessa forma que se adquirem os conhecimentos: através da fala dos mais velhos, no momento do ritual do *ka'a'i*.

Esse *nhemongarai* de *Ka'a'i* acontece no ciclo de *Ara Pyau*, que compreende o período do final de julho até final de fevereiro, na cosmologia Guarani. Depois de fevereiro começa o *Ara Yma*.



Figura 15a e 15b - *Ka'a'i* (Fotos: Barbara Elice da Silva Jesus, Aldeia Pirai, SC, 2016)

Para fazer a cerimônia, primeiramente, os homens vão para a mata para escolherem a erva-mate. Os mais velhos guiam a caminhada. Três ou quatro pessoas trazem as folhas com os galhos. No dia seguinte, na cerimônia, os mais velhos levantam cedo e fazem fogo, onde vai sapecar cada galho. E depois chamam os homens jovens e adultos para prepararem os seus próprios feixes. Os homens preparam os feixes para eles mesmos, para seus pais e seus irmãos, representando seus respectivos espíritos.



Figura 16 - *Xondaro kuery* (Foto: Barbara Elice da Silva de Jesus, Aldeia Pirai, SC, 2016)

Quando chega *ara mbyte*, inicia a preparação da cerimônia com a amarração de cada feixe na taquara, dentro da casa de reza. Os homens mais velhos começam a amarrar, seguidos dos

mais novos. E o *xamoi* vai abençoando cada feixe. À noite inicia a cerimônia. Cada um vai abençoar o feixe com o *petyngua*, para fortalecer o *nhe'e* dos parentes, porque nós Guarani fortalecemos uns aos outros.



Figura 17 - *Xondaria kuery* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)

No dia seguinte é a preparação da cerimônia das *xondaria*. As mais velhas levantam cedo e com a ajuda do *xamoi*, acende o fogo para secar os feixes de erva-mate. Quando chega no ponto, as folhas são retiradas e amassadas num pano. Depois, são trituradas no pilão, para virar pó de erva.



Figura 18 - *Ka'a omombiru* (Foto: Karai Nhe'ery, Aldeia Pirai, SC, 2019)



Figura 19a - *Ka'a omongu'i* e 19b - *Ojoxo* (Fotos: Karai *Nhe'ery*, Aldeia Pirai, SC, 2019)

Enquanto uma das mulheres mais velhas faz isso, as outras vão preparando o porongo para deixar no formato de pratinho. Em seguida, cada mulher pega os *hy'a* dos familiares que estão ausentes na cerimônia. Cada *hy'a* representa o *nhe'e* dos familiares. Isso acontece no dia seguinte da cerimônia dos homens. Pois esse dia é especialmente para as mulheres. Os homens acompanham para cantar e tocar instrumentos. Somente os homens mais velhos podem participar fazendo fogo e amassando as folhas, mas não podem socar com o pilão. Os homens jovens podem trazer a lenha para a fogueira.



Figura 20a - *Hy'a pekue* e 20b - *Ka'a ku'i* (Fotos: Karai *Nhe'ery*, Aldeia Pirai, SC, 2019)

Quando chega o *ara mbyte*, as mulheres entram na *opy'i* em fila, das mais velhas até as mais jovens, em dança circular, e vai colocando cada *hy'a* no *xoraro'i*. Nesse dia, os *xondaro* acompanham a cerimônia com o canto, a dança e o uso do *petyngua*, para fortalecer o *nhe'e* das mulheres. *Nhanderuete* deixou o feixe para os homens e o pó de erva-mate foi deixado por *Nhandexyete* para as mulheres.

## ***Nhemongarai revelando Tery***

Nós guarani mbya temos nossas peculiaridades, que fazem parte da nossa história. Assim, o *tery* é muito sagrado para todo nosso povo guarani mbya, porque o *teryete* traz significados para fortalecimento. Cada *tery* tem seus sentidos que definem a personalidade de cada indivíduo, ou seja, as características de cada pessoa.

Através da reza e do canto, no ritual no *opy'i*, os *xamoi kuery* pedem que o *tery* seja revelado pelo *Nhanderu Papa Tenonde*. As crianças Guarani são batizadas ainda no primeiro ano de idade com o nome indígena.

Se a criança nasce saudável, com o espírito forte, então a partir de quatro ou cinco meses ela já pode receber o nome. Se ela tiver o espírito forte, o *xamoi* não terá dificuldade para pedir a revelação a *Nhanderu*. O espírito da criança ajudará a revelar rapidamente o *teryete*.

Se a criança tiver o espírito muito sensível, ela não vai aceitar ficar neste mundo considerado cruel, pois ficaria sofrendo. A criança não vai revelar o nome porque não quer ficar na Terra. Então o *xamoi* vai revelar, sim, mas não vai revelar completo. Pode errar no primeiro nome ou no sobrenome, ou nos dois. Não é porque o *xamoi* não quer acertar, mas é o espírito da criança que impede revelar. Para a criança recuperar o fortalecimento, os pais devem se comportar bem diante do espírito da criança. No primeiro ano, quando começa a andar, aí vai revelar o nome verdadeiro. Por isso pode mudar.

O nome também pode mudar quando o *xamoi* que revelou o nome vem a falecer. Quando isso acontece, como foi comigo, a pessoa mesmo sendo já adulta, pode receber outro nome de outro *xamoi* vivo. Assim o *nhe'e* da pessoa fica mais fortalecido quando fica de novo ligado com o *nhe'e* de *xamoi* vivo.

Se uma criança até a idade de cinco anos ficar com o espírito muito enfraquecido, aí pode mudar o nome mesmo se o *xamoi* que revelou o nome ainda estiver vivo. Quando isso acontece, pode consultar o mesmo *xamoi* ou consultar outro *xamoi*.

## **Os pontos cardeais e a relação com *Nhanderu retã***

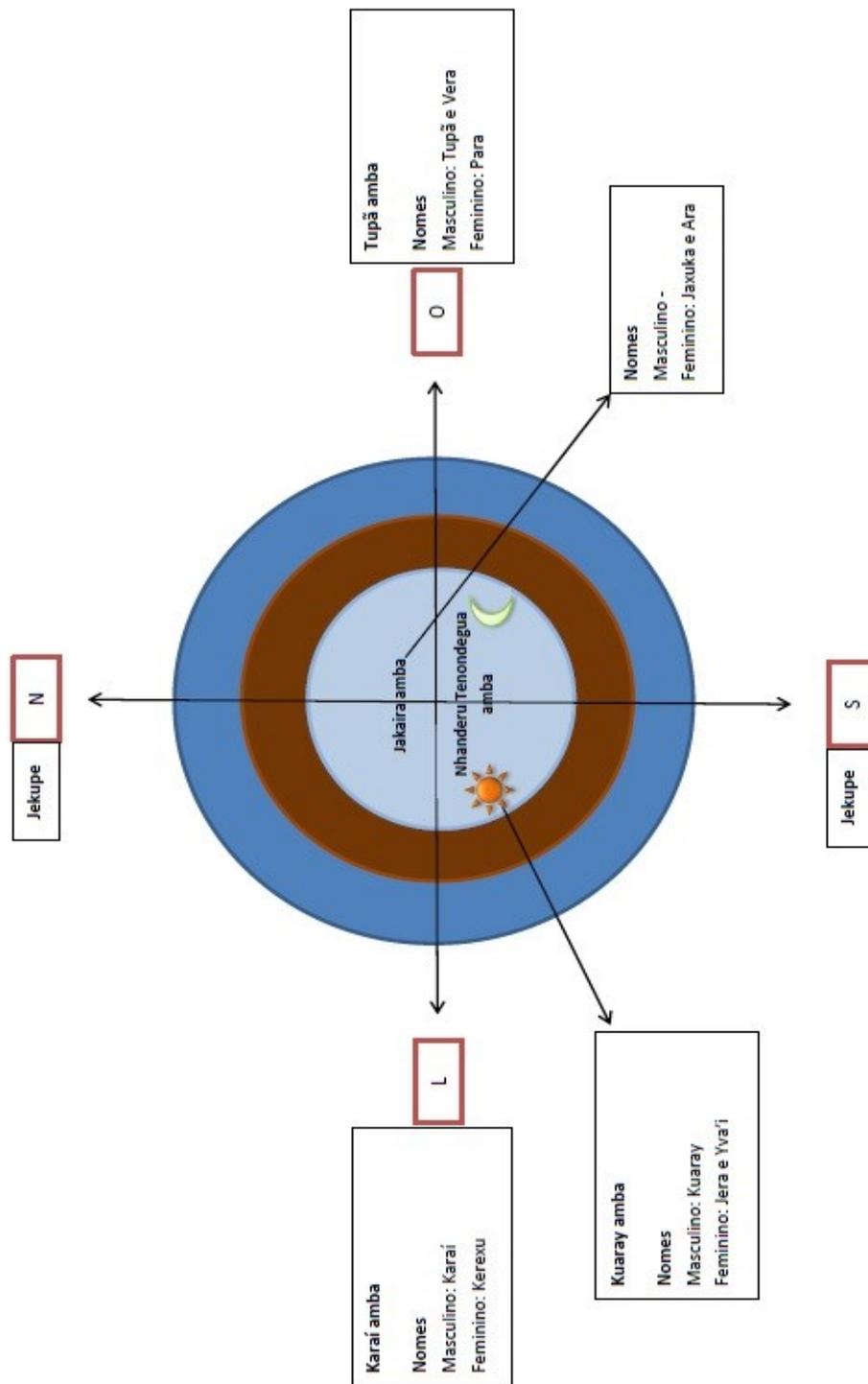


Figura 21 - Pontos cardeais (Mapa elaborado por Karai Nhe'ery, 2019)

No conhecimento guarani, os *tery* são ligados aos pontos cardeais, essencialmente ao leste e oeste. Na nossa cosmologia, os pontos cardeais principais são leste, que chamamos de *nhamandu amba*; e oeste, que chamamos *nhande kupe*, onde fica *tupã amba*, na direção do poente, *ka'arua re*.

É por isso que o corpo guarani mbya se move da esquerda para a direita quando está dentro da *opy'i* praticando a cerimônia, principalmente a dança, o canto ou fumando o *petyngua* durante a reza.

De acordo com a autora Sandra Benites (2015, p.17), “*nhe'ê* *kuery* estão no *amba*, em quatro *amba* na realidade, partes que são lugares sagrados de onde vem o *nhe'ê*. O *amba* é divino, limpo, de onde vem o *nhe'ê* porã. Ele está acima de *yvy rupa* – nosso leito, suspenso, está no plano espiritual”. Na cultura guarani, sabemos que temos os quatro principais *amba*, que são ligados com os *tery*.

Conforme falado por Sandra Benites (2015. p.18), “o ritual do *nhemongarai* é fundamental para sabermos a personalidade e a habilidade de cada Guarani. Pois, conforme já dissemos, ao revelar o *amba*, sabemos o nome da *mitã* – *nenê*, e sabemos qual será o seu *reko* – *jeito*”.

Na história guarani tem quatro *amba*, leste, oeste, norte e sul. *Jekupe Amba* estão localizados nos pontos norte e sul, no meu jeito de pensar. Isso não quer dizer que estou pegando os caminhos certos. Essa elaboração se deu a partir da minha conversa com *xeramoi Karai Poty* e da comparação que fiz com os pontos cardeais não-indígena.

Nos pontos cardeais não-indígenas, os *jurua kuery* andam em direção ao norte, *nhande hyke*. Na cultura guarani, o oeste fica no *kupe* e no pensamento dos não-indígenas o sul fica no *kupe*. Porque a caminhada dos não-indígenas é para a direção do norte. Se *jurua kuery* ficar no meio da mata, para se localizar, sempre procura a direção norte. Nós, guarani, procuramos as direções leste e oeste para encontrar a aldeia ou se mover para outra aldeia.

## O *Teryapy* e seus sentidos

Uma pessoa pode ser chamada de *karaí*, sem ser o nome próprio, quando é uma pessoa respeitada que tem domínio de conhecimento e de cura. Quem tem *Karaí* é uma pessoa com domínio de conhecimentos e saberes.

É o *teryapy* que indica um sentido sagrado para essa pessoa no céu. Por exemplo, quem tem nome *Karaí Poty* significa que tem o nome do espírito de uma pessoa sábia, conhecedora das flores, ou seja, a pessoa que cuida da flor sagrada no céu.

O *tery* que a gente recebe sempre é revelado de cada *amba*. Então os nomes *Karaí* e *Kuaray* já vem do espaço sagrado de *nhamandu amba*, que é a direção do leste. Porque o *nhe'e* vem de cada direção também, conforme comentado por Sandra Benites (2015). E o sobrenome define a personalidade de cada *mitã*. Por exemplo, *Karaí Poty*, *Karaí Miri*, *Karaí Tataendy*, *Karaí Nhe'ery*, *Karaí Jeguaka*, *Karaí Popygua* e *Kuaray Miri*. Quem tem esses nomes, vêm do *nhamandu amba*.

O nome *Vera* é revelado através de *Tupã amba*, porque estão na mesma direção, que chamamos de *Tupã retã*. Por exemplo, *Vera Miri*, *Vera Poty*, *Vera Tupã* e *Vera Popygua*, *Tupã Miri* e *Tupã Xondaro*. Esses nomes vêm de *Tupã amba*.

Os nomes femininos também estão ligados aos quatro *amba*. Quem vem de *Tupã amba* é *Para*. Quem vem de *nhamandu amba* é *Kerexu*.

Todas as *Kerexu* têm personalidade forte. O sobrenome complementa a personalidade de cada uma. Por exemplo, *Kerexu Miri* é quem tem sensibilidade, é muito sentimental; *Kerexu Poty* é quem cuida das flores; *Kerexu Mimbi* é dominadora de flauta.

Todas as *Jaxuka* são pessoas sensíveis, dóceis. O formato da personalidade é definido pelo sobrenome. Por exemplo, *Jaxuka Miri* tem muita sensibilidade; *Jaxuka Poty* cuida das flores; *Jaxuka Hendy* é uma pessoa que simboliza a luz.

O nome *Para* significa o mar, oceano. Tem os nomes *Para Miri*, que pode ser mar pequeno, se *Para* representar substantivo. Se for nome, significa que é uma pessoa sensível. Há também *Para Poty*, que cuida das flores, e *Para Rete*, que representa a transformação do

corpo. *Rete*, especificamente, significa o corpo, como substantivo; mas se for nome próprio simboliza a imagem do corpo. Por exemplo, *Rete Miri*, seria uma pessoa sensível e *Rete Poty*, aquela que cuida das flores.

O nome *Yva* significa o céu. Por exemplo, *Yva Miri* também é sensível, vulnerável. *Yva Poty* cuida das flores. *Yva Rete* simboliza o corpo do céu.

O que vai definir a personalidade é o sobrenome também. Por exemplo, *Ara Miri* é uma pessoa sensível. *Ara*, como substantivo, significa dia; enquanto nome próprio, simboliza o dia. *Ara Poty* cuida das flores e *Ara Miri* significa sensibilidade. *Ara Rete* simboliza o corpo do dia. Existe também o nome *Jera*, que se complementa com os sobrenomes citados acima. Eu busquei essas informações e formei meu entendimento assim, mas cada um fala da sua forma. O mais importante é o sentido geral, mas cada um tem sua forma de entendimento.

## Conclusão

Ao longo deste trabalho, consegui registrar a importância da cultura, convivendo e participando dos rituais, principalmente os da Aldeia Piraí. Conversei com os *xamoi kuery*, tirando dúvidas e também pedindo autorização para registrar o *Nhemongarai* para todos terem acesso ao meu trabalho.

Particpei de *Yy Karai* e *Ka'ai Nhemongarai* e, através dessas participações, consegui registrar algumas imagens sobre *Nhemongarai*. Porque isso é o meu dia-a-dia: eu gosto de conviver na casa de reza, eu fumo cachimbo, eu peço a *Nhanderu* para que ilumine meus passos, meu caminho, para que eu possa trabalhar da forma que *xamoi kuery* quer, sem decepcionar, para que futuramente eu possa continuar esse trabalho lindo que eu comecei neste curso de licenciatura indígena.

A minha grande preocupação é pelo futuro, para incentivar os jovens a participar mais e valorizar a nossa cultura. O meu trabalho é nesse sentido, para que os alunos tenham acesso a esses pensamentos. Que os novos pesquisadores e os novos licenciados possam apreciar esse trabalho.

Então por isso que eu escolhi esse tema de *Nhemongarai*, que é um desafio para mim, porque esse é o ritual mais sagrado e precisa de muito cuidado na tradução. E há pouco material escrito sobre esse assunto, Curt Nimuendajú (2010) somente descreveu a prática do ritual *Nhemongarai* que ele observou, mas não falou sobre o ritual em si, da importância e a essência. Porque os *xamoi* e *xaryi* não gostam de revelar as palavras para traduzir em língua portuguesa.

Este trabalho também pode ser lido pela sociedade não-indígena, para que se possa entender, não assim tão profundamente, mas para ter noção da valorização da cultura guarani. Porque através desse ritual que nós mantemos fortalecido a essência da cultura guarani e mantemos a nossa identidade, principalmente a língua e o modo de ser.

A língua tradicional que é falada dentro da casa de reza faz parte desse ritual presente na fala sagrada dos *xamoi kuery* e das *xaryi kuery*. É através da fala sagrada que repassamos a cultura, o modo de ser guarani e o modo de viver na aldeia também.

E apesar que a gente já tem esse processo de ter essa culturalidade no meio da sociedade indígena, tem palavra que nós guarani não conseguimos traduzir - porque são *ayvu ete*, é fala verdadeira, e muitas vezes não tem tradução em português. Então por isso que meu trabalho é nesse sentido.

Tem palavra que não tem tradução. É um mistério até para nós, que somos indígenas. Quem sabe mesmo é o *xamoi kuery*, que pode falar da forma explícita para a gente entender. Mas mesmo assim é difícil traduzir em português.

Quando *xamoi* fala sobre *teko*, a gente sabe que ele está falando sobre o nosso modo de viver. Quando falamos de *tekoa*, estamos falando sobre aldeia, porque é onde vivemos a forma de ser guarani. Esse espaço é sagrado, pois é onde nossos antepassados viviam. Cada aldeia tem sua própria história para ser seguida. Também, a aldeia é onde nasce a vida, por isso se chama *tekoa*.

Então tudo isso a gente tem que aprender com os mais velhos. É possível a gente se expressar em português, mas o sentimento, a transformação, como que a gente sente nessa vida, de vida ser guarani, é difícil a gente repassar em português o sentimento, o que que a gente sente. Então é isso que é complicado.

Foi um desafio porque foi a primeira vez que fiz um trabalho sobre o *Nhemongarai*. E é muito difícil de conquistar os *xamoi kuery* e *xaryi kuery* para falar sobre a cultura, porque esse ritual e o mais importante na cultura guarani.

Outros pesquisadores podem editar de outra forma, cada tempo de vida vai mudando, principalmente os rituais estão em processo de transformação. Pesquisas futuras podem apontar novos caminhos.

## **Agradecimentos**

Aqui deixo o meu agradecimento para todos que me apoiaram para eu estar no curso de Licenciatura Indígena Intercultural da Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina.

Agradeço cacique Ronaldo Costa de aldeia Pirai de Araquari (SC) que acolheu, me deu trabalho e moradia por três anos. Através da indicação do cacique que estou aqui me formando na UFSC. Também deixo meu agradecimento para toda a comunidade da aldeia Pirai, principalmente as duas pessoas queridas que sempre me deram força para não desistir do curso, porque elas sabem que o curso é importante para mim. Essas pessoas são minhas primas Fátima Soares Gabriel e Michele Fernandes Soares Mimbi, que sempre me aconselhavam a não desistir do meu objetivo. Agradeço também aos professores e ao diretor Zé Lino, que trabalham na Escola Cacique Werá Puku, da Aldeia Pirai, por me orientarem no trabalho.

Segundo agradecimento deixo para cacique Osvaldo de Oliveira da aldeia Yvyju de São Francisco do Sul (SC), onde atualmente resido com a minha família. Agradeço aos alunos da escola Amba'y Ju, do Ensino Fundamental e EJA, onde realizei os estágios de observação e docência com apoio de cacique e da diretora Maria Aparecida. Os professores também me apoiaram muito na realização do meu estágio.

Agradeço a minha esposa Josiane da Silva Mimbi por ter paciência comigo. Sei que ela gostaria que eu estivesse sempre junto dela todos os dias cuidando dos nossos filhos Lúcio da Silva Mimbi e Allyson Mimbi da Silva. Mas ela sabe que saio de casa para fazer faculdade na UFSC. Então ela me apoiava muito para continuar o curso. Por isso eu dedico a minha formatura para ela.

Também deixo o meu agradecimento para todos professores da Licenciatura Indígena: Kercia Figueiredo, Jozileia Kaingang, Nanblá Gakran, Mauro Luiz Carvalho, Carlos Guerola, Thainá Lopes, Lucas Bueno, Rodrigo de Almeida, Paulo Belli, Josué Carvalho, Silvia de Oliveira, Márcia Nascimento, Deonísio Schmitt, João Mítia Barbosa, Alexandre Cardoso, Irozina Vanelli, Aline Ramos, Antonella Tassinari, Juliana Bueno, Ana Maria Ramo y Affonso, Maria Eugenia Domínguez, Susan de Oliveira, Telma Scherer, Rosemy Nascimento, Miriam Royer,

Ana Lúcia Vulfe, Ítalo Mongconann, Elis Nascimento e Emiliano Maldonado. Agradeço a coordenação da Licenciatura Indígena: Ariana Espíndola, Evelyn Schuler Zea, Jozileia Kaingang, Maria Dorothea Post Darella e Murilo Mariano.

Agradeço às pessoas que fazem café da manhã e almoço: Arminda e Edite Ferreira, que estão sempre todos os dias, durante os quatro anos. Também agradeço os bolsistas Débora Priprá, Maria Lauri Fonseca, Elis do Nascimento Silva, Wellington Teodoro Botelho, Ana Cláudia Colombero e Matheus Rodrigues e o coordenador Sandor Fernando Brigmann pela paciência conosco.

Agradeço à minha orientadora professora Evelyn Schuler Zea e co-orientadora Bárbara Elice da Silva, por terem me ajudado no trabalho que foi tão difícil para ser concluído, porque teve de ser escrito na língua portuguesa, que é uma segunda língua para a gente. Agradeço essas duas pessoas por me motivar para seguir com o trabalho de tanta dificuldade, pelo apoio para concluir o trabalho de conclusão do curso.

E também agradeço a todos os colegas de faculdade, das três etnias, que me ajudaram nas atividades e também pela paciência. Agradeço a todos os alunos e professores que me deram atenção e apoio em sala de aula.

## ***Aguyjevete***

*Aguyjevete xeruate. Tove katu kova'e amba'eapoa oĩ porã.*

*Aguyjevete xeruate opamba'e ramo jepe ajapo pa nho kuaxia para.*

*Aguyjevete xeruate kova'e tape remoexãka a guata'i aguã.*

*Aguyjevete xamoi kuery e xaryi kuery xe pytyvõ. Tove katu Nhanderu ete tome'ẽ mbaraete.  
Aguyjevete.*

## Referências citadas

### Referências orais

BENITES, Marta, Tekoa Pirai, SC, 2017.

CORDEIRO VERÍSSIMO, Miguel. Tekoa Pirai, SC, 2018, 2019.

FERNANDES, José. Tekoa Pyau, SP, 2017.

OCAMPO, Estevão. Tekoa Pirai, SC, 2018, 2019.

### Referências de textos escritos

BENITES, Sandra. **“Nhe’ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ - Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola”**.

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

NIMUENDAJÚ, Curt. “Nimongaraí – o batismo ritual de Nimuendajú”. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Vol. 2, nº 1. Brasília, 2010.

## Anexos

### Anexo 1:

Link para apresentação do TCC no dia 11/02/2020 na UFSC

<https://youtu.be/TZ8hJlAfljs>

### Anexo 2:

Foto da participação no *Yy karai* no dia 25/02/2020 na aldeia Pirai



Figura 22 - *Karai Nhe'ery* no *yy karai*, Aldeia Pirai, 25/02/2020 (Foto: Evelyn Schuler Zea)

**Anexo 3:**

**Foto da apresentação do TCC no dia 26/02/2020 na aldeia Pirai**



*Figura 23 - Apresentação do TCC, Aldeia Pirai, 26/02/2020, na presença dos xamoi Estevão Ocampo, Miguel Cordeiro Veríssimo, Hugo Nunes e xaryi Fatima Gabriel (Foto: Cristiano Gabriel Costa)*